

SECURITY STUDIES: AN INTRODUCTION¹

*Diego Rafael Canabarro**

O livro “*Security Studies: An Introduction*”, editado por Paul D. Williams, oferece um verdadeiro compêndio de teorias e temas relativos aos Estudos de Segurança no âmbito das Relações Internacionais. O editor é atualmente Professor Visitante da *Elliot School of International Affairs* e Diretor Associado do *Security Policy Studies Program* da Universidade de George Washington, nos Estados Unidos. Ministra aulas e realiza pesquisas nas áreas de resolução de conflitos, operações de paz, relações internacionais da África, teorias de estudos de segurança e política exterior britânica.²

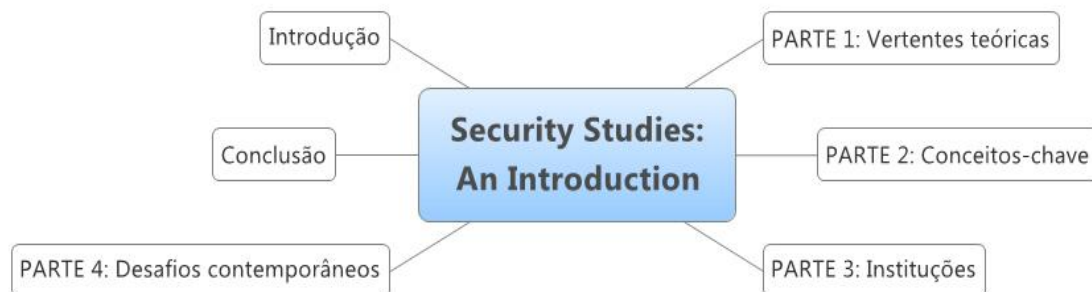
A obra congrega o trabalho de trinta e seis especialistas³ em temas distintos, e está estruturada em seis grandes partes, conforme o ilustrado na figura abaixo:

¹WILLIAMS, Paul (Ed.). “*Security Studies: An Introduction*”. Nova Iorque: Routledge, 2008, 551. [ISBN: 0-203-92660-9]

* Diego Rafael Canabarro é Mestre em Relações Internacionais e Doutorando em Ciência Política pela UFRGS.

² Informações extraídas da página virtual do autor no sítio da *Elliot School of International Affairs*. Disponível em: http://elliott.gwu.edu/faculty/williams_p.cfm. Último acesso em 17/10/2010.

³ São eles: Deborah D. Avant, Sita Bali, Alex J. Bellamy, Didier Bigo, Pinar Bilgin, Ken Booth, Stuart Croft, Simon Dalby, John S. Duffield, Colin Elman, Louise Fawcett, Lawrence Freedman, Fen Osler Hampson, William D. Hartung, Adam Jones, Danielle Zach Kalbacher, Stuart J. Kaufman, Michael T. Klare, Peter Lawler, Matt McDonald, Colin McInnes, Cynthia Michota, Sara Ann Miller, Cornelia Navari, John T. Picarelli, Paul R. Pillar, Michael Pugh, Srinath Raghavan, Paul Rogers, Waheguru Pal Singh Sidhu, Joanna Spear, Caroline Thomas, Thomas G. Weiss, Nicholas J. Wheeler, Sandra Whitworth, Paul D. Williams and Frank C. Zagare.



A seção introdutória conta com apenas um capítulo escrito pelo próprio Paul Williams e tem por objetivo apresentar os requisitos para a delimitação do campo dos Estudos de Segurança (como ramo autônomo ou como integrante das Relações Internacionais) a partir de quatro questões fundamentais: (a) que segurança? (b) Segurança de quem? (c) O que faz de uma questão uma questão de segurança? (d) Como se pode ter segurança? As respostas a tais questões são apresentadas sumariamente na introdução e são aprofundadas nos outros trinta e dois capítulos subsequentes, que procuram congrega*r “teorias, conceitos, instituições e desafios que animam estudos de segurança”* (Williams, 2008: 10).

A “Parte 1” divide-se em oito capítulos em que são apresentados os principais aportes que a Teoria das Relações Internacionais empresta aos Estudos de Segurança. São apresentados: o Realismo, o Liberalismo, a Teoria dos Jogos, o Construtivismo, os Estudos de Paz, a Teoria Crítica, Perspectivas Feministas e a Sociologia Política Internacional. Em linhas gerais, cada capítulo tem a seguinte ordem lógica: (a) apresentação do aporte teórico em questão; (b) especificação das linhas teóricas que se conectam ao estudo da segurança; (c) principais expoentes e seus legados; e (d) reflexões a respeito das implicações decorrentes da escolha do aporte teórico correspondente. Além de funcionar como um guia abrangente para o estudo de Teoria das Relações Internacionais, a “Parte 1” logra o êxito de colocar em evidência os diferentes focos de análise das Teorias abordadas na seção. Mais especificamente, expõe a evolução e ampliação da agenda de pesquisa de cada um deles. Nessa seção, deve-se destacar a apresentação da abordagem realista por Colin Elman, que revisa a

literatura de uma série de variantes do realismo e expõe as nuances de cada um para a explicação das causas do conflito interestatal. Além disso, a apresentação dos *approaches* construtivista e crítico às relações internacionais por Matt McDonald e Pinar Bilgin, respectivamente, elucidam a conformação e a composição da agenda de pesquisa da Escola de Copenhague e da Escola de Gales e a contribuição de ambas para o alargamento do rol temas integrantes da agenda dos Estudos de Segurança. As aproximações feminista (Sandra Whitworth) e sociológica (Didier Bigo), por fim, procuram ressaltar a necessidade de se repensar o estudo da segurança a partir de novos focos de análise, a partir da remodelagem da agenda constituída retoricamente, tanto em termos acadêmicos quanto políticos.

A “Parte 2” de “*Security Studies: An Introduction*” dedica-se a elencar os conceitos principais que integram o vocabulário dos acadêmicos e dos estadistas que lidam com a segurança em múltiplos níveis. Essa seção é operacionalizada por especialistas em torno dos seguintes conceitos-chave: incerteza (Ken Booth e Nicholas Wheeler); guerra (Paul Williams); terrorismo (Paul Rogers); genocídio (Adam Jones); conflito étnico (Stuart Kaufman); coerção (Lawrence Freedman e Srinath Raghavan); segurança humana (Fen Osler Hampson); pobreza (Caroline Thomas); mudanças climáticas (Simon Dalby); e saúde (Colin McInnes). Nos dez capítulos que integram a segunda parte do livro, encontram-se temas tradicionais componentes da agenda de segurança tanto em nível acadêmico quanto em nível de ação política (guerra, incerteza, coerção, terrorismo, etc.). Além deles, são apresentados temas de *low politics* que, sobretudo a partir de meados da década de 1990, passaram a ser apresentados como sendo relevantes para a segurança de estados individualmente considerados, para regiões específicas e para o sistema internacional como um todo. Tais capítulos servem para ilustrar as controvérsias teóricas apresentadas na primeira parte da obra a respeito da delimitação do escopo dos Estudos de Segurança. A partir da leitura, por exemplo, do capítulo escrito por Booth & Wheeler e do capítulo escrito por Thomas, restam evidenciadas, respectivamente, as abordagens restritivas e ampliadas para o estudo da Segurança Internacional e, permite-se, ao leitor, a reflexão em torno das implicações que têm as escolhas teóricas e metodológicas que se faz para o estudo da segurança.

Como Williams explica ainda na introdução, “a ‘Parte 3’ investiga a arquitetura institucional atual da política mundial naquilo em que se relaciona com os Estudos de Segurança.” (Williams, 2008: 10). Dotada de apenas três capítulos, essa seção estuda o papel das alianças entre Estados (John Duffield, Cynthia Michota e Sara Ann Miller), das instituições regionais (Louise Fawcett) e das Nações Unidas (Thomas Weiss e Danielle Kalbacher) como agentes atuantes e influentes na política mundial, especialmente no que diz respeito à segurança regional e internacional. O capítulo referente às alianças, a partir da apresentação das diferentes teorias que explicam a formação, a persistência e a desestruturação de alianças, dedica-se a avaliar a evolução histórica da OTAN e sua manutenção e reorientação a partir do fim da Guerra Fria. No que diz respeito ao desenvolvimento do regionalismo e o seu alcance à área da segurança, a ênfase da obra é colocada em duas questões relacionadas: (a) a contribuição de instituições regionais para a promoção e a manutenção da segurança no plano global e (b) a avaliação a respeito da maior ou menor efetividade da ação de instituições regionais em relação às ações da ONU. Para complementar o debate, apresenta-se na seqüência um capítulo específico sobre a Organização das Nações Unidas. Dentro de uma descrição do organograma institucional da Organização, são apresentados os órgãos e mecanismos responsáveis à manutenção da paz e da segurança internacional. A avaliação da ONU é feita em perspectiva histórica – com a apresentação de eventos positiva e negativamente marcantes para os Estudos de Segurança – de maneira a contribuir para a reflexão em torno do papel que a ONU tem/deve ter (e dos desafios que enfrenta) atualmente para a consecução de seu objetivo primário segundo sua carta constitutiva.

A “Parte 4” apresenta uma lista de dez “desafios contemporâneos”: o comércio internacional de armamentos (William Hartung); a proliferação nuclear (Waheguru Pal Singh Sidhu), o contraterrorismo (Paul Pillar); a contrainsurgência (Joanna Spear); as operações de paz (Michael Pugh); a ‘responsabilidade de proteger’ (Alex Bellamy); a segurança privada (Deborah Avant); o crime organizado transnacional (John Picarelli); os movimentos populacionais (Sita Bali); e a segurança energética (Michael Klare). Esse rol de assuntos é, em cada capítulo, desdobrado exponencialmente em inúmeros

outros como: o mercado negro e cinza de armas pequenas e leves, a ligação entre Estados nucleares e terrorismo; o terrorismo de Estado dentro da própria guerra ao terror; a intervenção dita humanitária; os mercenários no contexto de conflitos armados; o narcotráfico e o narcoterrorismo, a securitização das migrações, a motivação energética para os conflitos internacionais, e etc. De uma forma ou de outra, há uma interconexão patente entre os temas tratados nessa seção e a ênfase dada a cada um dos capítulos é justamente a de elencar de forma inequívoca tais pontos de contato entre esses distintos temas, bem como as iniciativas adotadas em nível nacional, regional e internacional em respostas às ameaças inerentes às questões abordadas. Merecem destaque as reflexões que são feitas, por exemplo, nos capítulos relacionados às operações de paz e à responsabilidade de proteger, em que se procura demonstrar ao leitor as dúvidas que pairam sobre as verdadeiras motivações apresentadas para determinadas intervenções realizadas pela ONU, com sua autorização e, também, levadas a cabo de maneira unilateral.

Na seção final, Stuart Croft vale-se das seções precedentes para demonstrar como *“os Estudos de Segurança foram construídos como uma subdisciplina das Relações Internacionais, mas que também existe como um subcampo transdisciplinar em que pesquisas díspares podem se conectar a partir de alguns compromissos comuns de cunho epistemológico, metodológico e empírico.”* (Croft, 2008: 499). Essa observação parte da percepção de que os estudos relativos à temática da segurança vêm progressivamente sendo influenciados por agendas intelectuais que não são tradicionalmente integrantes das RI. Com isso, o capítulo distingue a subdisciplina “Estudos de Segurança” do subcampo “Estudos de Segurança”. Enquanto que a primeira é apresentada pela literatura como um desenvolvimento dos Estudos Estratégicos de matriz norte-americana que passaram por um processo progressivo de alargamento de sua agenda por conta do aumento da complexidade de seu referencial empírico, o subcampo pode ser entendido como resultado de uma dedicação de sociólogos, economistas, filósofos, cientistas políticos, entre outros, aos problemas de segurança a partir de uma lógica distinta daquela embutida nos debates tradicionais no campo da Teoria das Relações Internacionais. Essa mirada passa a debruçar-se, segundo

Croft, à pesquisa multidisciplinar de questões relacionadas às interações entre segurança, cultura, imagens, identidades, socialização, e etc. Como assevera o autor, porém, “*procuramos encapsular conjuntos de idéias através de etiquetas e de categorias – como vimos nesse capítulo – quando existe muita porosidade, muita fluidez e muita contestação entre idéias e seus defensores. Esse desejo de impor uma ordem é evidente neste volume. Na verdade, esse é um desejo recorrente nos Estudos de Segurança. O desejo pela ‘codificação’ deriva em parte de necessidades didáticas: se não pudermos estabelecer algumas fronteiras em torno dos Estudos de Segurança, como poderemos ensinar?*”. Assim sendo, “*essas fronteiras são, obviamente, construtos e como tais serão reconstituídas.*” (Croft, 2008: 510) E serão reconstruídas justamente porque refletem agendas de pesquisa, compromissos políticos e forma de se entender a segurança que variam ao longo do tempo e do espaço. Com isso, termina-se a leitura da obra com um estímulo à leitura crítica dos autores do *mainstream* americano e europeu e ao desenvolvimento de ‘formas de pensar’ e de agendas próprias do que Croft chama de “outros locais de pesquisa”.

“*Security Studies: An Introduction*” oferece muito mais do que as linhas acima puderam brevemente descrever. Além de um panorama abrangente a respeito da evolução dos Estudos de Segurança, cada capítulo é um repositório de trabalhos e documentos sobre o tema por ele abordado. Ao fim do livro, ainda, encontram-se aproximadamente quarenta páginas de referências bibliográficas clássicas e contemporâneas que podem servir de ponto de partida para qualquer um interessado em conhecer um pouco mais sobre os Estudos de Segurança como subdisciplina das RI ou como subcampo multidisciplinar, ou em aprofundar os conhecimentos em questões específicas da agenda, seja em sua versão restritiva, seja em sua versão ampliada.